



LUIZ HENRIQUE ALVES DA SILVA

**BOXE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO
MÉDIO: PERSPECTIVAS DE PROFESSORES/AS SOBRE O
TRABALHO PEDAGÓGICO**

LAVRAS – MG

2019

LUIZ HENRIQUE ALVES DA SILVA

**BOXE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO
MÉDIO: PERSPECTIVAS DE PROFESSORES/AS SOBRE O
TRABALHO PEDAGÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Graduação em Educação
Física Licenciatura.

PROF. DR. FÁBIO PINTO GONÇALVES DOS REIS

Orientador(a)

LAVRAS – MG

2019

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, meu guia que sempre me abençoou no decorrer da caminhada. Agradeço à toda minha família, especialmente meus pais e meu irmão, Wagner, Leila e Marcus Vinícius, que mesmo distante, apoio, confiança, carinho e amor nunca faltaram. Os almoços em família, revigoravam minhas forças em continuar e concluir mais uma etapa da minha vida acadêmica. Amo vocês!

A todos os meus avós, em especial minha vó Sebastiana, a qual nunca mediu esforços para me ajudar. Sempre relatando meu nome em suas orações, além da incondicional torcida, sou o neto mais velho e o mais “mimado” também.

Meus novos irmãos, Paulinho, Lucas, Philipe, Rafael e Ronan por dividirem o mesmo apartamento durante 4 anos. Obrigado pela amizade, pela força, pelas alegrias, compreensão... enfim, por todos aqueles momentos que passamos juntos. Ganhei cinco irmãos e vocês mais um. Contem sempre comigo!

A todos os meus amigos, em particular André, Hugo, Murilo, Sinval e Victor. Amizade que foi construída no decorrer do curso. Carinho, conselhos, “rachas”, estudos e principalmente muita zoeira estiveram presentes. Nossa amizade foi além da UFLA, tenho certeza que cultivaremos para o resto de nossas vidas.

A minha namorada Clara Lis, pelo companheirismo e amor incondicional. Obrigado pelas palavras sinceras e doces, por me fazer rir nas horas tristes, pelos beijos e abraços e por estar sempre ao meu lado me apoiando em qualquer momento. Amo você!

Ao Prof. Dr. Fábio Reis, pela orientação, paciência e disposição para ajudar. A todo corpo docente do Departamento de Educação Física, pelo empenho, dedicação e ensino aprendizagem. Graças a vocês apaixonei ainda mais pela área.

A Universidade Federal de Lavras – UFLA, a CAPES, pela concessão da bolsa e todos funcionários pela oportunidade.

Sou grato por tudo e por todos, tenho tantas bênçãos na vida que às vezes tenho medo de ser ingrato com alguém. Todos aqueles não citados aqui que torceram pela minha felicidade, minhas desculpas. A vocês, a todos e a cada um, eu quero agradecer por tudo!

“O conhecimento serve para encantar as pessoas. Não para humilhá-las.”

(Mario Sergio Cortella)

RESUMO

Dentre os conteúdos propostos pela PCN'S nas aulas de Educação Física, as Lutas são as que apresentam maior dificuldade em relação aos seus aspectos didáticos pedagógicos, algumas dessas dificuldades são justificativas pela falta de experiência pessoal em lutas por parte dos professores em nexos a sua formação acadêmica, e a preocupação com o fator violência, sendo que, julgam ser um agente intrínseco às práticas, fazendo-se assim, um motivo que dificulte a viabilidade de abordagens nas aulas. Tendo tais aspectos em evidência, esta pesquisa consiste em estudar, analisar e verificar possibilidades de interpelações das lutas na educação física escolar, tendo como propósito a prática do Boxe. Caracteriza-se como um estudo de caso descritivo exploratório de natureza qualitativa, os participantes são professores/as da rede pública do Ensino Médio da cidade de Lavras- MG. A coleta dos dados será mediante a um questionário com perguntas baseadas nas diretrizes do estudo, a análise constituirá na triangulação das respostas dos professores/as ancoradas nos aportes teóricos. Pelo exposto e analisado neste trabalho o Boxe é discernido devido a uma série de fatores o qual os professores carregam consigo quando o assunto são as lutas. Esse estudo é apenas uma pequena parcela de contribuição para reforçar que as lutas e o Boxe podem ser ensinados nas escolas. Logo, é de suma importância, a continuidade de pesquisas nessa área.

Palavras-chave: Lutas. Boxe. Escola. Jogos. Professores

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. METODOLOGIA.....	3
2.1 Instrumento e coleta de dados.....	4
3. CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO.....	6
4. ENTENDENDO O BOXE.....	7
5. A SISTEMATIZAÇÃO DAS LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	11
5.1 Propostas e estratégias de inserção do Boxe nas escolas.....	14
6. DISCUSSÃO.....	17
6.1 Principais desafios enfrentados.....	17
6.2 Ainda não trabalhou? Por quê?.....	23
6.3 Organização do trato pedagógico envolvendo o Boxe.....	27
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

Ao relembrar das minhas aulas de Educação Física no ensino infantil, fundamental e médio, questiono-me pelo qual motivo o conteúdo Luta não era abordado ou trabalhado pelos professores. Sendo uma temática riquíssima em significados filosóficos, sociais, culturais e históricos, minha inquietação apenas aumentou, pois, o fato de não serem trabalhadas na maioria das escolas, pode comprometer a aprendizagem dos alunos. Ao entrar na faculdade e estudar como um todo a Educação Física e a escola, percebi a necessidade de ampliação das possibilidades de vivências e estudos das lutas na escola, democratizando o acesso ao conhecimento e significados destas práticas. Por que o boxe? Das inúmeras possibilidades existentes, escolhi o boxe por já ter praticado a modalidade, porém, judô, capoeira, esgrima, sumô, karatê, jiu jitsu, taekwondo, muay thai entre outras possibilidades, poderiam também ser muito bem descritas e estudadas.

Por meio das disciplinas, debates com docentes e experiências em estágios e projetos de extensão, busquei refletir sobre o tema além de, possíveis intervenções pedagógicas no âmbito escolar capazes de desencadear elementos para me posicionar mais categoricamente, considerando alternativas de debates a supostas restrições. Assim, por meio de conhecimentos científicos, compreender os aspectos pedagógicos de seu ensino no interior das escolas, pois isso representa uma tentativa de romper as lacunas existentes do conteúdo nas aulas, tendo em vista que, segundo Nascimento e Almeida (2007) sua apresentação nas escolas (quando é trabalhado) é realizada por terceiros, seja por intermédio de palestras, oficinas, apresentação ou outras iniciativas desvinculadas da disciplina.

As Lutas compõem um dos conteúdos que integram a Educação Física Escolar, sendo compreendidas como produções humanas com valores e significados distintos, construídas historicamente apresentando relações constantes nas sociedades em que são/estão inseridas e desenvolvidas. Eram descritas em grandes impérios como Grécia, Roma, Egito, Pérsia, entre outros, mas sua origem ainda é uma incógnita para muitos estudiosos. Cada sociedade e cada cultura, apresenta manifestações corporais que se diferem muito, cada uma com sua peculiaridade e particularidade nas suas manifestações. Porém, o conteúdo das lutas, de acordo com autores como

Correia e Franchini (CORREIA e FRANCHINI, 2010); (DEL'VECCHIO e FRANCHINI, 2006); (GOMES, 2018); (OLIVIER, 2000); (RUFINO, 2013) área, é pouco explorado pela maioria dos professores de Educação Física. Muitos desses profissionais exibindo a prevalência em seus planejamentos apenas ao eixo de esportes. De acordo com Nascimento e Almeida (2007) essa resistência por parte dos professores, tem como base os seguintes argumentos: falta de experiência pessoal em lutas por parte dos professores, em nexos a sua formação acadêmica e a preocupação com o fator violência, sendo que, julgam ser um agente intrínseco às práticas. Tais argumentos não são universais, porém, auxilia-nos refletir sobre o tema, assim, como contribuir com professores que estão inseridos nas escolas que sentem dificuldades em ministrar o assunto, sejam estas dificuldades, em sua dimensão conceitual, procedimental ou atitudinal, pois, para além de inserir as lutas efetivamente enquanto conteúdo, devemos superar uma perspectiva reducionista desse conteúdo, sendo na maioria das vezes atrelado unicamente no saber realizar o gesto técnico, ou seja, apenas à dimensão procedimental. Assim apenas se impõem, aquisições de técnicas corporais precisas voltadas para competições, valorizando o rendimento em detrimento dos aspectos socioculturais que envolvem as lutas.

Nessa perspectiva, o intuito desse estudo é mostrar a importância do conteúdo das lutas no desenvolvimento integral do educando, tendo como ponto de partida o boxe, apontando questões e reflexões sobre como essa prática pode ser inserida nas escolas. A partir desse contexto, o principal questionamento é: Quais as perspectivas dos/as professores/as de Educação Física no Ensino Médio acerca das possibilidades e desafios no ensino do Boxe?

O objetivo geral dessa pesquisa é avaliar as perspectivas dos/as professores de Educação Física da rede pública do Ensino Médio da cidade de Lavras-MG acerca das possibilidades e desafios no ensino do Boxe. Além disso, temos como objetivos específicos identificar as representações de professores/as sobre os desafios de se ensinar boxe no ambiente escolar. Assim como, investigar os principais fatores que corroboram em sua realização ou não, nas aulas, e discutir estratégias de ensino-aprendizagem do Boxe nas escolas na percepção dos/as preceptores.

Ao principiar as justificativas do estudo, é preciso destacar que essa experiência é uma tentativa de romper com a ausência frequente do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física escolar. A falta de aportes teóricos que sustentam os professores para a mediação do tema,

corroboram para o debate e investigação sobre possibilidades de intervenções, avanços e limitações decorrentes da tentativa de aperfeiçoamento da nossa prática docente.

Em sua dissertação de mestrado So (2014), cita fatores que contribuí para a exclusão do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física, entre elas o autor menciona a ausência de disciplinas específicas nos cursos de graduação inicial de professores. Para Betti (1999), os professores selecionam os conteúdos a ensinar a partir do que sabem demonstrar, ou seja, sentem-se mais à vontade para abordar, o que em partes justifica a prevalência dos esportes coletivos com bola como o futebol, voleibol, basquetebol e handebol.

Para mais, devido essa produção acadêmica insuficiente que possa subsidiar as ações profissionais, tornasse necessário a intensificação de discussões em torno das lutas como conteúdo da realidade escolar, compreendendo como criações humanas historicamente construídas, a partir daí, vivenciar num processo coletivo de ensino a apropriação de seus elementos básicos que lhe são estruturantes. Com efeito, Correia e Franchini (2010) notam sobre a baixa produção de artigos de lutas em periódicos científicos, correlacionando que quando presentes, não apresentam relação com temas educacionais.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa configura-se como um estudo de caso descritivo exploratório, de natureza qualitativa. Buscou-se contextualizar o conteúdo lutas no cenário escolar, tendo como modalidade o boxe, objetivando compreender sua manifestação ou não. De acordo com Godoy (1995):

“[...] a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo [...]”. (p. 58)

Como o estudo pretendeu identificar a realidade de uma determinada região, foi utilizado como instrumento investigativo um questionário, que segundo Matos et. al (2015), este recurso possibilita atingir um número maior de pessoas, ainda que estas vivam em áreas geográficas extensas. Ainda nessa perspectiva Godoy (1995) compreende esse método de uma forma ampla, considerando que todos os dados da realidade são importantes e devem ser estudados, o ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados em sua totalidade, e não reduzidos a variáveis, mas ponderados como um todo.

O estudo conteve em si, cinco professores de Educação Física do Ensino Médio das escolas da rede pública da cidade de Lavras – MG, de ambos os sexos, identificados como (F) para o sexo feminino e (M) sexo masculino. Para tal, fizeram parte do estudo os professores que atenderam aos seguintes critérios de inclusão:

1. Ministraram aulas de Educação Física nas escolas públicas da região;
2. Declararam motivação e interesse em participar da pesquisa;

Foram excluídos aqueles professores que não cumpriram os critérios de inclusão.

Quadro 1: Informações dos professores entrevistados.

Sujeito	Idade	Tempo de prática docente
F1	34 anos	7 anos
F2	42 anos	14 anos
F3	39 anos	9 anos
M1	44 anos	19 anos
M2	37 anos	9 anos

2.1 Instrumento e coleta de dados

Como instrumento para coleta de dados, utilizou-se um questionário contendo quatro questões abertas baseadas nas diretrizes do estudo. O questionário busca por respostas a diversos aspectos do trabalho docente, em específico sobre a experiência do Boxe. As perguntas, buscam

detectar segundo Gil (1999), conteúdos sobre fatos, atitudes, comportamentos, sentimentos, padrões de ação e comportamento presente ou passado.

Ainda nessa concepção, Chaer et.al (2012) denotam as particularidades das perguntas abertas, sendo aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante:

“[...] nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreveu aquilo que lhe vier à mente [...]” (p. 262)

Quadro II: Roteiro do questionário apresentado aos professores entrevistados.

1. Você trabalha ou já trabalhou com o conteúdo Boxe?
2. Se sim, quais foram os principais desafios enfrentados?
2.1 Se não, quais seriam os principais desafios enfrentados?
3. Se sim, o que te levou a trabalhar esse conteúdo?
3.1 Se não, porque ainda não trabalhou com esse conteúdo?
4. Qual foi sua proposta pedagógica e como organizou?
4.1 Como organizaria o trabalho pedagógico envolvendo o Boxe em uma turma de Ensino Médio?

No tratamento dos dados, foram empregados as orientações de Gil (2008) e os procedimentos de análise do conteúdo recomendados por Bardin (2011) para a elaboração das esferas de análise em pesquisas qualitativas, entender, a imersão e a procura dos temas, a identificação, conexão e a organização dos temas, a verificação e a informação.

Realizou-se a exploração do material, delineando categorizar as respostas em palavras-chaves, conduzindo aproximações entre aquelas que são semelhantes, ocorrendo assim, a triangulação das respostas dos professores ancoradas nos aportes teóricos.

3. CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO

Primeiramente vamos apresentar resumidamente a trajetória histórica da Educação Física Escolar, para assim compreendermos as Lutas como eixo temático da disciplina. (BETTI,1999); (BRACHT,1999); (DAOLIO, 2010); (DARIDO,2012); (FEDERICI,2004); (SOARES,1992) entre outros autores da área, retratam sobre as principais concepções teóricas da Educação Física na escola. A princípio, a interferência da área médica com foco nos discursos pautados na eugenia, higiene e na saúde, propunham a defesa da saúde e o ensino de novos hábitos higiênicos pela medicina social, logo, alterando hábitos, costumes, crenças e valores, realizariam uma assepsia no meio físico.

Os interesses militares e grupos políticos dominantes também tiveram grande influência no percurso histórico da disciplina, apresentando uma forte vinculação entre nacionalismo e esporte. Enxergavam nos esportes um instrumento complementar de ação, passando a Educação Física ter a função de selecionar os mais habilidosos/aptos para representar o país em diferentes competições, apoiados pelo governo militar com objetivo de formação de um exército composto por uma juventude saudável e forte, além da desmobilização de forças oposicionistas.

A partir da década 80 e 90, com o novo cenário político, esse modelo de esporte performance foi fortemente criticado na escola, ao ponto de surgirem novas formas de se pensar a Educação Física, entre elas citamos: Humanista; Fenomenológica; Psicomotricidade; Desenvolvimentista; Interacionista-Construtivista; Crítico-Superadora; Sistêmica; Crítico-Emancipatória; Saúde Renovada entre outras. Ambas buscavam quebrar com o modelo tradicional, porém cabe ressaltar que na prática pedagógica essas abordagens não aparecem de forma pura, e dificilmente seguimos uma única abordagem.

Atualmente, entendemos que o principal objetivo da Educação Física no ambiente escolar, é a inserção dos alunos na esfera da cultura corporal de movimento, autores como (DAOLIO, 2004); (DARIDO, 2010); corroboram com essa perspectiva sustentando que a cultura é o principal conceito para a Educação Física, pois todas as manifestações corporais humanas são geradas na dimensão cultural, da antiguidade até hoje, representando multiplicidade e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos.

“[...] trata-se de uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, e que o instrumentaliza para usufruir dos jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida [...]” (DARIDO, 2012, p. 11)

Ao abordarmos as lutas na competência da cultura, devemos compreendê-las como produções humanas com valores e acepções, construídas historicamente apresentando relações constantes nas sociedades em que são/estão inseridas e desenvolvidas. Logo, é possível afirmar que as Lutas são um patrimônio cultural da humanidade, portanto, deve ser ensinado nas aulas de Educação Física Escolar.

4. ENTENDENDO O BOXE

Detalhar as origens das lutas está longe de ser uma tarefa fácil, pois, cada uma apresentam suas particularidades e significados distintos, (GOMES, 2008); (CORREIA, FRANCHINI, 2010); (RUFINO, 2012) entre outros autores, argumentam não ser possível afirmar onde realmente se originaram as lutas e artes marciais, pois o processo de criação se deu em vários lugares do mundo, em épocas diferentes, apresentando em cada um desses espaços suas próprias peculiaridades.

De acordo com Andrade Neto (2016), desde que o homem passou a ter conhecimento de com suas habilidades poderia vencer adversários em lutas pela própria vida, a humanidade passou a desenvolver técnicas de caça com a utilização do próprio corpo. Eram descritas em grandes impérios como Grécia, Roma, Egito e Pérsia, suas manifestações gestuais eram usadas como subsídio para a sobrevivência, seja para atacar ou se defender, além de disputas por espaços/territórios e competições em forma de jogos e brincadeiras.

O termo “luta” pode conter vários significados de acordo com sua utilização por meio da linguagem, Pereira (2018) elucida exemplos desse emprego em, luta-se pela vida, pelo território, por objetivos pessoais, com um oponente em alguma prática esportiva entre outras formas. Ainda nessa perspectiva, é possível discutir os diferentes conceitos e as particularidades das Lutas, Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate.

Em relação as Artes Marciais Correia e Franchini (2010) expõem:

“[...] “Arte Marcial” faz referência a um conjunto de práticas corporais que são configuradas a partir de uma noção aqui denominada de “metáfora da guerra”, uma vez que essas práticas derivam de técnicas de guerra como denota o nome, isto é, marcial (de Marte, deus romano da guerra; Ares para os gregos) [...]. Assim, a partir de sistemas ou técnicas diversas de combate situadas em diferentes contextos sociais, essas elaborações culturais passam por um autêntico processo de resignificação, em que a dimensões ética e estética ganham uma expressiva proeminência. Desta forma podemos identificar que a expressão “arte” nos sinaliza para uma demanda expressiva, inventiva, imaginária, lúdica e criativa, como elementos a serem inclusos no processo de construção de certas manifestações antropológicas ligadas ao universo das Artes Marciais. Já o termo marcial, relacionado ao campo mitológico faz alusões à dimensão conflituosa das relações humanas. Assim, temos a inclusão contínua de elementos que ultrapassam as demandas pragmáticas e utilitaristas das formas militares e bélicas de combates. [...]” (p. 24).

Os mesmos autores, reiteram sobre as Modalidades Esportivas de Combate:

“[...] uma configuração das práticas de lutas, das artes marciais e dos sistemas de combate sistematizados em manifestações culturais modernas, orientadas a partir das decodificações propostas pelas instituições esportivas. Aspectos e conceitos como competição, mensuração, aplicação de conceitos científicos, comparação de resultados, regras e normas codificadas e institucionalizadas, maximização do rendimento corporal e espetacularização da expressão corporal são alguns exemplos dessa transposição moderna de práticas seculares de “combate” [...]” (p. 23).

Por fim, mas não menos importante conceitualizaremos as lutas por meio de Gomes (2008):

“[...] prática corporal imprevisível, caracterizada por determinado estado de contato, que possibilita a duas ou mais pessoas se enfrentarem numa constante troca de ações ofensivas e/ou defensivas, regida por regras, com objetivo mútuo sobre um alvo móvel personificado no oponente [...]” (p. 49).

Para mais, Trusz e Nunes (2007):

“[...] meios de defesa e ataque criados por determinadas sociedades, e, como tais, acompanharam o processo civilizatório da humanidade desde os primórdios. Por isso, devem ser vistos como integrantes não só dos currículos, mas da cultura e das identidades regional e nacional [...]” (p. 180)

Para o Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’S) o eixo temático lutas, são compreendidos como:

“[...] disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade [...]” (BRASIL, 1997, p.49).

Cabe ressaltar que tal discussão seria bem mais ampla, tendo em vista as diferentes variantes de significado. Ainda assim, de acordo com autores como (FRANCHINI et. al., 1996); (GOMES, 2008); (PEREIRA, 2018) (RUFINO e DARIDO, 2013); (STIGGER, 2005) não haveria um consenso na área da Educação Física sobre qual a termo utilizar.

Assim como as demais lutas, o boxe não tem uma origem específica, o que se sabe hoje é que os gregos criaram o pugilato e o boxe moderno seria uma vertente desse esporte. O termo boxe se origina do verbo inglês *to box*, que significa bater, já a palavra *pugillus* no latim significa punhos fechados. Elias (1992), afirma que o boxe assumiu as características de um desporto na Inglaterra, onde foi pela primeira vez, sujeito a um rigoroso conjunto de regras, sendo que a principal foi eliminar o uso das pernas como golpes.

O boxe se transformou ao chegar na Inglaterra em 1743, quando Jack Broughton um esportista e grande entusiasta da modalidade criou as luvas e a demarcação de um quadrado para que os boxistas se limitassem a lutar somente naquele espaço. O boxe inglês foi modificado fortemente em 1909, ocorrendo as primeiras categorias de pesos do boxe, a partir daí, os participantes iriam lutar com adversários de peso igual ao seu. Porém, segundo Carrati (2012) quem realmente regularizou a modalidade foi inglês Marquês de Queensbury, criando determinadas regras, entre elas:

- O ringue foi criado e as lutas seriam realizadas somente naquela demarcação;

- Categorias de peso;
- As luvas foram inseridas nas lutas;
- Protetor bucal;
- Rounds de três minutos com um minuto de intervalo;

De acordo com Silveira (2017) a forma inglesa foi adotada como padrão por outros países, que passaram a se preocupar com as regras e com a proteção dos participantes, principalmente por terem sido inseridos as categorias de peso, deixando as lutas mais equilibradas.

A Associação Internacional de Boxe (AIBA) é a maior entidade que regulamenta o esporte amador hoje, cabendo organizar e dirigir campeonatos mundiais, olimpíadas e pan-americanos. No Brasil, a Confederação Brasileira de Boxe (CBBOXE) é a principal entidade, além das federações de cada estado. Todas as entidades seguem o mesmo padrão de regras, entre as principais:

- Categorias divididas por idade e sexo: masculino e feminino; de dezenove a quarenta anos são boxeadores de Elite; de dezessete e dezoito anos Juvenis; quinze e de dezesseis anos Cadetes;
- Protetor Bucal: não podendo ser vermelho;
- Luvas: Dez onças para todas as categorias das mulheres e homens até a categoria 64kg e luvas de doze onças para os demais;
- Protetor de cabeça para mulheres, cadetes e juvenis;
- Rounds: três minutos com um minuto de descanso para todas as competições masculino e feminino Elite e Juvenil masculino e feminino;

Dentre as classificações de lutas, o boxe é especificado como contato intermitente, os golpes são aplicados usando somente os punhos, cuja principal condição é golpear da cintura para cima, o objetivo é nocautear (knockout KO) o adversário.

A luta possui um número de rounds que variam entre nove e doze, com duração de três minutos com intervalos de um minuto. Um dos árbitros fica dentro do ringue sendo responsável por supervisionar a luta, interferindo em casos de faltas, além de realizar a contagem regressiva. Os outros três árbitros ficam do lado de fora para decidirem a pontuação dos rounds.

A decisão do vencedor da luta de boxe se dá em três formas:

- Unânime: quando todos os juízes determinam o mesmo lutador;
- Dividida: dois juízes determinam o mesmo vencedor enquanto o terceiro não, prevalecendo assim o julgamento da maioria;
- Majoritária: similar à decisão dividida, porém ocorre quando o terceiro juiz define a luta como empate, da mesma forma, prevalece o julgamento da maioria;

Os golpes do boxe são:

- Jab: golpe frontal, com o braço que está à frente à guarda;
- Direto: com o punho que está atrás da guarda;
- Cruzado: com o objetivo de acertar a lateral da cabeça;
- Gancho: golpe dado de baixo para cima, com o objetivo de acertar o queixo do oponente

Algumas das faltas no boxe são:

- Socar um oponente caído, ou, antes do árbitro retomar a luta;
- Desferir qualquer golpe que não seja com as mãos;
- Desferir golpes com a mão aberta;
- Socar a costa, nuca, pescoço, rim ou qualquer região abaixo da linha de cintura;
- Segurar o oponente e socar ao mesmo tempo;
- Agachar de forma que a cabeça fique abaixo da linha de cintura do oponente;

5. A SISTEMATIZAÇÃO DAS LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao discutir sobre o porquê do ensino aprendizagem dessas manifestações, compatibilizo o entendimento de Nascimento (2008) o qual relata que:

“[...] a compreensão sobre o porquê da indicação do trato pedagógico do conteúdo de lutas na disciplina de educação física escolar passa, inclusive, pelo entendimento de que ela ocorre no e a partir do processo dinâmico de mudanças paradigmáticas na área de estudos da Educação Física [...]” (p. 38)

Rufino e Darido (2012) relatam a importância das lutas, abordando e destacando seus aspectos histórico e social, sendo difundidas em instâncias de práticas sistemáticas, presente nas diversas mídias, fato que, justificam sua necessidade de compreensão e estudo. Sendo uma temática riquíssima em significados filosóficos, sociais, culturais e históricos, o fato de não serem abordadas em escolas, pode comprometer a aprendizagem dos alunos. Rufino e Darido (2013) relatam que:

“[...] é preciso que as lutas, juntamente com os outros conteúdos da Cultura Corporal sejam aplicadas nas aulas de Educação Física na escola nas diversas séries, em diversos semestres, promovendo para os alunos, algo que eles ainda não têm em relação à essa temática, que é a vivência de diferentes modalidades, a apropriação crítica da cultura envolta nessas práticas e a ampliação dos conteúdos, promovidos pelas dimensões dos conteúdos [...]” (p. 166)

Ainda de acordo com Nascimento (2008), as lutas no contexto escolar devem:

“[...] usufruir da experiência singular de se opor em situação de combate corporal, contemplar e formar opinião em relação a estas atividades e a respeito de suas trajetórias históricas, a forma como se apresentaram no passado e se apresentam na atualidade nos diversos segmentos sociais juntamente com os significados que foram e lhe são atribuídos [...]” (p. 47)

Logo, observa-se a importância das lutas na formação dos alunos, seus valores ajudam no desenvolvimento do cidadão, nas expressões corporais, nos movimentos, nas capacidades físicas envolvidas em sua prática, na moral e respeito entre os participantes. Porém, quando trabalhadas, presencia-se um ensino totalmente tecnicista, voltado para a repetição de técnicas e gestos descontextualizados, sem possibilidade de se pensar sobre a prática ou mesmo pensar sobre porque praticar. (BAYER, 1994); (GOMES, 2008); (GRAÇA, 1995), discutem a preocupação excessiva com a técnica no ensino das lutas na escola, criticam os métodos que se baseiam em princípios simplistas e questionam o ensino das técnicas (como fazer) desvinculado da tática (razões do fazer).

Tornar-se necessário pensar em metodologias que possam transferir as lutas em competência educacional. Para tal, sistematizaremos/problematizaremos as lutas de acordo com

autores da área que estabelecem as lutas na esfera da cultura corporal de movimento. (BREDA, 2010); (DEL'VECCHIO e FRANCHINI, 2006); (GOMES, 2008); (NASCIMENTO e ALMEIDA, 2007); (PEREIRA, 2018); (RUFINO, 2012); (RUFINO e DARIDO, 2012) apontam alguns caminhos para seguirmos e pensarmos sobre a metodologia de ensino, devido ao grande número de modalidades, seu trato pedagógico deve ser categorizado para que assim parta de uma maneira global para as partes, chegando às especificidades do conhecimento estruturado. Dessa forma, apresentam características comuns das lutas, esses aspectos são condições indispensáveis para a abordagem pedagógica do conteúdo. Os princípios condicionais das lutas são de acordo com Gomes (2008):

- Contato Proposital;
- Oponente/Alvo;
- Fusão Ataque/Defesa;
- Regras;
- Imprevisibilidade;

Essas práticas se agrupam a partir do que elas têm em comum, aproximando os elementos entre as lutas, essa especificação é baseada no contato entre os oponentes, a saber:

- Lutas de contato contínuo;
- Lutas de contato intermitente;
- Lutas de contato mediado por implemento fixo;
- Lutas de contato mediado por implementos de lançamento;

As características, ações e exemplos de cada categoria, serão especificadas de acordo com Pereira (2018), logo:

“[...] Lutas de Contato Contínuo: engloba as lutas de agarre (lutas de curta distância), nas quais os oponentes dependem do contato direto e ininterrupto para realizar todas as ações tático-técnicas. Esse grupo de Lutas tem por objetivo projetar o oponente, excluí-lo de um espaço ou finalizá-lo no solo, as principais ações corporais são: desequilibrar, rolar, controlar, cair, esquivar, desvincular-se, projetar, excluir, etc. Exemplos de manifestação são: Judô, Jiu-Jitsu, Luta GrecoRomana, Sumô, entre outras [...]” (p. 35)

“[...] Lutas de Contato Intermitente: agrupa as Lutas em que o contato ocorre somente no momento do golpe (lutas de média distância), assim existe um espaço moderado entre os oponentes que permite a aproximação em situações de ataque e defesa, pois a intenção e o propósito ofensivo vão determinar em que momento acontecerá o contato. No momento da execução das ações tático-técnicas, os oponentes necessitam buscar o contato, já que eles são o alvo do combate, as principais ações corporais são: tocar, golpear, bloquear e esquivar utilizando pernas, joelhos, pés, quadris, mãos, braços, cotovelos, ombros, etc. Como exemplo temos o Boxe, o Karatê-do, o Muay Thai, o Taekwondo, a Capoeira [...]” (p. 36)

“[...] Lutas de Contato Mediado por Implemento Fixo: reúne as Lutas que utilizam implementos fixos (lutas de distância para implementos fixos), sendo que deve haver uma distância maior entre os oponentes para que eles possam manipular de forma adequada esse implemento. Para cumprir o objetivo do combate (atingir o adversário de alguma maneira) os oponentes dependem de um implemento/arma, que pode ser uma espada no Kendo, bastão no Ninjutsu, lança no Kung Fu, entre outros. As principais ações corporais são: esquivar ou bloquear e tocar por intermédio da manipulação de um implemento[...]” (p. 37)

“[...] Lutas de Contato Mediado por Implemento de Lançamento: engloba as lutas que utilizam um implemento de lançamento (lutas de distância para implementos de lançamento) e deve haver uma grande distância entre os oponentes para que eles possam manipular e lançar o implemento de forma adequada. Para cumprir o objetivo do combate (atingir o adversário de alguma maneira) os oponentes dependem de um implemento/arma que tenha o objetivo de lançar projeteis ou que possam ser lançados em seu oponente, como o arco e flecha, facas, lanças, shurikens (estrela ninja), kunais (lâmina de ferro com um grande furo na base) chakrams (arma de arremesso circular), bumerangues, dentre outros, as principais ações corporais são: esquivar, lançar e tocar o adversário por intermédio do lançamento do implemento. Como exemplo temos o Kyodo, o Ninjutsu e o ShurikenJutsu [...]” (p. 38)

5.1 Propostas e estratégias de inserção do Boxe nas escolas

Uma das formas de lecionar as lutas nas aulas de Educação Física Escolar, é através dos jogos, usa-se como forma de contrapor a ensino tradicional, partindo da pedagogia do jogo como estratégia pedagógica/metodológica. Scaglia (2004), afirma que os alunos devem ir à escola para viver plenamente o jogo, aprendendo com e pelo jogo, jogando de forma encadeada por situações contextualizadas. Segundo (FREIRE, 2005) (LEONARDO, 2009); (MARCOS PEREIRA, 2017) (SCAGLIA ,2004), o jogo é dotado de aspectos que possibilitam os professores organizar práticas

pedagógicas fundamentadas na teoria do jogo. As atividades pensadas como jogo será jogada plenamente pelos alunos e não apenas executadas como outra qualquer, dessa maneira, o objetivo da aprendizagem é construir um elemento que fundamente uma prática significativa para suas crianças e jovens.

A tabela a seguir, construído por (PEREIRA, 2018); (SCAGLIA e SOUZA, 2004) evidencia a diferença nos métodos de ensino das lutas:

MÉTODO TRADICIONAL DE ENSINO DAS LUTAS	PEDAGOGIA DO JOGO/LUTA
Aulas organizadas e sistematizadas, centradas na técnica e no educador/a.	Aulas organizadas e sistematizadas, centradas no jogo e no educando/a.
Prioriza a execução correta dos movimentos, sendo o educador/a que solicita e o educando/a apenas reproduz o gesto mecânico (educando/a sendo apenas um cumpridor de tarefas).	Estimula o educando/a a resolver situações problemas que aparecem ao decorrer do jogo e a responder questionamentos durante toda a aula.
Somente apresenta movimentos previsíveis, e o educador/a que geralmente toma as decisões pelo educando/a, o tornando dependente.	Explora durante as aulas movimentos que enriqueçam o repertório de respostas do educando/a para solucionar as situações problemas presentes no jogo que são imprevisíveis, estimulando sua autonomia e a criatividade.
Prioriza geralmente uma modalidade de luta (na maioria das vezes a modalidade que o educador/a era praticante).	Favorece ensinar várias lutas pelos tipos de contatos, de acordo com suas semelhanças e características.

Tabela 1 Comparação entre as diferenças dos métodos de ensino das lutas (PEREIRA, 2018, p. 3)

Esses jogos possibilitam a criação de atividades com características básicas relacionadas as lutas, como exemplo, jogos de combate ou oposição. Ao utilizarmos os princípios condicionais dos jogos de combate, os alunos poderão vivenciar segundo várias características, ou seja, características relacionadas às lutas de contato contínuo, intermitente, mediado por implemento fixo e mediado por implemento de lançamento. Assim, por meio desses jogos criaremos questões práticas para a construção de saberes técnico/táticos relacionados as lutas.

Baseando-se em (OLIVIER, 2000); (PEREIRA, 2018), será proposto uma categorização dos jogos pelos gestos motores, correlacionando os princípios condicionais das lutas e a pedagogia do jogo:

“[...] Jogos de desequilibrar: são jogos que o intuito é fazer o oponente se desequilibrar, desfazendo o apoio do oponente no solo, ao mesmo tempo que se mantém equilibrado. Jogos de conquistar/invadir território: jogos onde o objetivo do jogador é diminuir o território de seu oponente à medida que o jogador amplie seu território. Envolvem ações de defender, conquistar e excluir o oponente de determinado território. Jogos de controlar: são aqueles que o objetivo é restringir o movimento do oponente através de imobilizações, sem deixar que o oponente o imobilize também. Jogos de golpear: são jogos onde o objetivo é tocar no oponente através de movimentos provindo de socos, chutes, cotoveladas e joelhadas, assim como criar estratégias de defesa, como bloqueios e esquivas, de acordo com as regras estabelecidas. Jogos de tocar: são jogos que o objetivo é manusear um implemento e através deste, tocar o oponente ou um alvo e se defender através de bloqueios e esquivas, de acordo com as regras estabelecidas. Jogos de lançar: são jogos que o objetivo é manusear um implemento e através do lançamento deste ou de um projétil lançado pelo implemento, acertar o oponente ou um alvo, assim como se defender utilizando implementos de bloqueio e esquivas, de acordo com as regras estabelecidas [...]” (PEREIRA, 2018, p. 77)

Os jogos nos dão possibilidades de criar atividades que tem características básicas relacionadas ao conteúdo lutas, cada jogo se diferenciará um do outro a partir do grau de relacionamento dos princípios condicionais das lutas: contato proposital, oponente/alvo, fusão ataque/defesa, regras e imprevisibilidade. Assim é possível criar jogos que aproximem de uma situação real de luta.

Tendo em vista as definições propostas e a relevante importância dada pelos demais autores citados, Olivier (2000) apresentou de forma fundamentada e sistematizada o conteúdo de lutas para alunos da educação infantil, através de atividades e jogos que contemplam as lógicas das lutas como exemplo: tocar/golpear, derrubar e imobilizar. Segundo o autor, essa metodologia situa-se num projeto específico que, visa auxiliar na resolução de conflitos, procura a estruturação e a melhora das relações interpessoais.

Outro exemplo da inserção do conteúdo, é proposta por Darido e Souza Júnior (2007) os autores exemplificam vivências, jogos e brincadeiras, auxiliando os professores de educação física (desde aqueles que possuem menos contato com esta temática) possam trabalhar com as lutas

através de diferentes formas. Além de, proporem questões além das vivências de jogos, brincadeiras e outras atividades, como por exemplo: a história e contextualização de determinadas práticas de lutas, a diferença entre lutar e brigar, e outras curiosidades que o professor considerar valioso na formação dos alunos.

6. DISCUSSÃO

As práticas das Lutas propiciam um importante mecanismo pedagógico nas aulas de Educação Física Escolar, o ato de lutar está correlacionado ao contexto histórico sociocultural da humanidade, haja vista que lutamos para sobreviver desde a pré-história. (ANDRADE NETO, 2016). (PEREIRA, 2018) destaca as lutas na perspectiva da cultura corporal de movimento, discorrendo sua relevância na formação dos educandos:

“[...] são manifestações inseridas na esfera da cultura corporal de movimento, fazendo parte do modo de ser das pessoas e da sociedade de diferentes formas, ao longo do tempo. É preciso permitir as crianças e jovens o contato e vivências com esses conteúdos, possibilitando-os articular reflexões críticas sobre essas práticas e sobre o mundo em que vivem[...]” (PEREIRA, 2018, p. 17).

Nesse entendimento, é de grande importância a presença do conteúdo Lutas no planejamento docente, a julgar por suas possibilidades e riquezas pedagógicas. Tendo como objetivo de estudo a prática do Boxe, os professores investigados ao serem questionados sobre a realização ou não dessa manifestação corporal, todos, relataram não trabalhar ou já trabalhou com o conteúdo citado.

Ao serem interpelados sobre quais seriam os principais desafios enfrentados para a não realização do boxe, diversos argumentos foram descritos, entre eles: (I) falta de preparo e conhecimento sobre o assunto; (II) falta de materiais e espaço adequado para o ensino; (III) motivação dos alunos e (IV) associação com a violência..

7.1 Principais desafios enfrentados

Nesta categoria serão abordadas, as justificativas docentes em relação aos obstáculos presentes no ensino do Boxe. Entre elas, referenciamos:

Quadro III: Principais desafios enfrentados.

F1	<i>“Medo de brigas, tendo em vista que os meninos da escola são agressivos em relação ao conteúdo como lutas.”</i>
F2	<i>“Falta de espaço (quadra de esportes). A motivação dos estudantes em aprender. A adaptação das salas de aulas. Falta de material adequado. Falta de preparo e conhecimento sobre o assunto.”</i>
F3	<i>“Para mim o principal desafio seria tornar a prática dinâmica e interessante para os alunos, pois grande parte deles não gostam de ficar “parados”. Outro ponto seria o fato de não conhecer e praticar o boxe.”</i>
M1	<i>“Não saber como trabalhar com o conteúdo e também não saber como improvisar material.”</i>
M2	<i>“Primeiramente sobre a metodologia de ensino, além da falta de materiais e questões em relação a violência, agressões e cuidados com a prática.”</i>

Matos et. al (2015) ao abordarem o tema lutas com professores de uma determinada região da Bahia, constataram a pouca ou inexistência presença do tema nas aulas de Educação Física Escolar. Os principais motivos da não realização foram semelhantes ao dos professores entrevistados/analizados nesse estudo, sobretudo em relação a:

“[...] a formação docente inadequada, propostas com ênfase em atividades teóricas ou em modalidades específicas pautadas unicamente na execução das técnicas, a visão de que para se abordar Lutas é necessário experiência como praticante de artes marciais, a falta de materiais específicos e a ausência de propostas de adaptação destes últimos foram destacadas nas respostas [...]” (p. 131)

Mediante as falas dos professores (F2), (M1) e (M2):

“[...] falta de preparo e conhecimento sobre o assunto.”

“Não saber como trabalhar com o conteúdo[...].”

“[...]sobre a metodologia de ensino[...].”

Uma das hipóteses para a restrição do boxe nas aulas de Educação Física poderia ter relação com a formação docente, haja vista que poucos cursos de formação abordam em sua grade curricular disciplinas voltadas especificamente para as Lutas, em sua dissertação de mestrado (SO, 2014) cita fatores que podem contribuir para a exclusão do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física, um dos motivos mencionado pelo autor é a ausência de disciplinas específicas nos cursos de graduação inicial de professores. Del Vecchio e Franchini (2006) especificam que, a dificuldade dos educadores em trabalhar com o ensino dessa temática, se deve pela deficiência dos cursos de graduação na abordagem do conteúdo, que muitas vezes se resume em uma só modalidade, como exemplo a capoeira ou judô.

Além disso, a falta de aportes teóricos específicos sobre o boxe poderia ser outra opção. Nesse sentido, Correia e Franchini (2010) apontaram em seus estudos, a baixa produção de artigos de lutas em periódicos científicos, e quando presentes, não se mostravam relacionados a temas educacionais, apresentavam-se predominantemente relacionadas ao viés da biodinâmica do movimento humano.

Da mesma maneira, Santos e Silveira (2019) ao realizarem um levantamento da produção sobre boxe em alguns periódicos da área da Educação Física, identificaram que o processo de ensino é um tema pouco tratado, no total foram encontramos 35 artigos que continham a palavra ‘boxe’, sendo que, após a leitura na íntegra, foram identificados que apenas cinco artigos (14%) abordam o boxe como tema central, os demais versavam sobre o boxe de academia e a inserção feminina no boxe trazendo olhares tanto para parte de superação, como de preconceitos e diferenças relacionadas a gênero.

Já Gasparotto e Santos (2013) buscaram verificar a produção científica nacional sobre o ensino das lutas na escola nos últimos dez anos. Sendo apontado um número baixo de aportes sobre o tema

“[...]diante de uma quantidade pequena de material à disposição do professor para consulta e julgamento da pertinência em seu contexto, a ação muitas vezes bem-intencionada, é baseada no empirismo e possivelmente realizada de forma equivocada ou simplesmente não é tomada,

prejudicando o público de maior interesse, o aluno, que deixa de vivenciar um conteúdo importante da cultura corporal [...]” (p. 118)

No que tange a argumentação de que para ensinar necessitaria de uma experiência com o conteúdo, reportado pelo professor (F3): “[...] *o fato de não conhecer e praticar o boxe.*” Pode ser considerado algo inoportuno, considerando que existem recursos auxiliares. Carreiro (2005) menciona que os professores que não conhecem o conteúdo habilmente, podem também aprender junto de livros, internet, revistas e com os próprios alunos. Nessa lógica, cedemos a compreensão de Freire (1996):

“[...] aproveitar o conhecimento que o aluno traz e discutir com ele as implicações políticas e ideológicas desse conhecimento, de modo a permitir que se estabeleça uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais do aluno e a experiência social que ele tem como indivíduo[...].” (p. 30).

O fato de professores não serem especialistas, não é justificativa a omissão do conteúdo, tendo em vista que sua função das lutas no âmbito escolar não é promover alunos competidores, nem os preparar para o combate, mas sim oferecê-los, com o intuito de proporcionar diversidade cultural e extensão das atividades corporais.

Ponto de vista análogo a Nascimento e Almeida (2007), os autores defendem que não é necessário saber lutar para ensinar lutas, já que não é intenção da escola formar atletas/lutadores, mas sim transmitir valores, conceitos e atitudes.

Já o fator violência e possíveis surgimento de agressões a prática, relatado nas falas dos professores (F1) e (M2):

“Medo de brigas, tendo em vista que os meninos da escola são agressivos em relação ao conteúdo como lutas.”

“[...] questões em relação a violência, agressões e cuidados com a prática.”

Olivier (2000) alega que tal ação é um modo de expressão e comunicação dos alunos em reação a certas interações sociais e ao meio, resultando ao estresse e a frustração, não podendo ser totalmente eliminada ou subjugada pelos professores. O mesmo autor propôs uma metodologia de ensino para tráfegar das brigas aos jogos de luta com regras. Na mesma concepção Alencar et. al (2015) relatam que:

“[...] o comportamento violento constitui uma característica presente na sociedade como um todo, sendo que, independente do conteúdo abordado no ambiente escolar, é de fundamental importância a forma de condução – a fundamentação teórico-metodológica e o trato didático-pedagógico - da tematização [...]” (p. 61)

No que diz respeito a violência, So e Betti (2009) relatam que é comum educadores e pais de alunos questionarem porquê das lutas como conteúdo escolar, aludindo que o mundo está/é tão violento, os autores, mencionam que, o mais importante seria permitir aos alunos a oportunidade de encontrarem respostas às consequências geradas pela violência, o perigo que ela pode representar para si próprio e para o outro.

“[...] nesse sentido, a prática de lutas na escola deverá proporcionar um tempo/ambiente adequado para transformar as “brigas” em “jogos de luta”, nos quais haverá regras e situações seguras para liberação e transformação de agressividade. Desse modo os jogos de luta permitem uma simulação da violência (“brincar de”), que impede ao aluno ser violento, no sentido de causar agravos físicos ao adversário. Isto quer dizer que nos jogos de luta a derrota nunca será maléfica a ponto de causar danos [...]” (p. 545)

Em sua pesquisa sobre o ensino das lutas, Andrade Neto (2016) interrogou professores correlacionando o ensino dessas manifestações corporais e suas possíveis influências com a violência, de acordo com o autor:

“[...] 90% dos professores alegaram que sim, que a prática é extremamente nociva e complicada de se ministrar [...] há um desafio para os professores de Educação Física quanto ao desenvolvimento de sua prática, evidenciando que as lutas sempre foram vistas como atividades que remete a violência, e há restrição em introduzi-las no contexto escolar [...]” (p. 92)

Cabe ressaltar que todo conteúdo não embasado, correm o risco de ocasionar embates, reforçando esse entendimento, Nascimento e Almeida (2007) mencionam o futebol, esporte que apresenta jogadas agressivas e mal-intencionadas, além de gestos e falas agressivas. Afirmando que, qualquer que seja o tema proposto, se não for fundamentado e tratado pedagogicamente, podem ser caracterizados como violento e perigoso, correndo o risco de gerar conflitos e situações hostis.

O fato de muitos vincularem a violência como fator intrínseco às lutas, ocultam suas diversas qualidades, das quais vão além dos gestos técnicos. Tal como Junior e Santos (2010) reiteram que as lutas proporcionam aos praticantes a disciplina e valores tais como respeito,

cidadania, buscam ainda o autocontrole emocional, o aprendizado da história da humanidade, a filosofia que geralmente acompanha sua prática e acima de tudo o respeito pelo seu próximo.

Corroborando a isso, Silveira (2017) em seu trabalho de conclusão de curso, apresentou aos alunos do ensino fundamental dos anos finais, o conteúdo lutas no cenário escolar a partir da modalidade do boxe, através de intervenções pedagógicas e questionários respondidos pelos alunos, a autora relata que:

“[...] as aulas práticas desmitificaram a relação do esporte com a violência, os estudantes se apropriaram do conteúdo e desde a primeira aula, já conseguiam diferenciar as lutas de uma briga. Analisando os questionários e pelos próprios relatos, mais da metade dos estudantes não acreditavam na semelhança entre o boxe e a violência [...]” (p. 56).

Outro ponto marcante nas respostas dos professores, foram em elo a falta de materiais para a prática e o desinteresse dos alunos.

“[...] a motivação dos estudantes em aprender[...]” (F2)

“[...] falta de material adequado [...]” (F2)

“Para mim o principal desafio seria tornar a prática dinâmica e interessante para os alunos, pois grande parte deles não gostam de ficar “parados” [...]” (F3)

“[...] não saber como improvisar material.” (M1)

“[...] falta de materiais[...]” (M2)

Perante ao desinteresse dos alunos Darido (2011) destaca que ninguém pode gostar e se interessar por aquilo que não conhece e que, muitas vezes, temendo um possível estranhamento por parte das crianças e jovens sobre determinados conhecimentos da cultura corporal de movimento, como as Lutas, os professores omitem do plano de ensino tais conhecimentos, principalmente, ao lecionar para adolescentes.

De modo semelhante Soares et. al (1992) expressam que:

“[...] é preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas [...]” (p. 27).

No que concerne a argumentação de que a prática exige materiais típicos como aparadores de socos, luvas e tatames, que em sua maioria não está à disposição das escolas brasileiras, Pereira (2018, p.30 apud DARIDO, 2005) apresenta exemplos de possibilidades para o ensino aprendizagem das lutas:

“[...] nos espaços comuns das aulas, sob a ótica do jogo e não da performance de alto rendimento, com os equipamentos trazidos pelas próprias crianças e jovens. Tatames podem ser adaptados em colchonetes, colchões e mesmo em canteiros de grama ou areia, aparadores podem ser criados a partir que materiais que as crianças e jovens tragam de casa como cobertas e travesseiros reunidos dentro de fronhas de travesseiros, arcs e flechas podem ser construídos a partir de canos de PVC, de bambu e peças de alumínio, espadas podem ser feitas de flutuadores de piscina e assim por diante. Além da possibilidade também de “extrapolar os muros da escola” e realizar visitas com as crianças e jovens em instituições e academias, que ofereçam tais atividades para que possam ser experimentadas [...]”

Posto isso, fica notório as possibilidades de ensino do boxe e das lutas na Educação Física Escolar, a construção de matérias reciclados, uso dos jogos de oposição, livros e revistas são apenas um dos recursos que podem ser utilizados, pensamento paralelo Darido (2005), que diz existir inúmeras possibilidades de construções de materiais alternativos e ressignificações dos próprios espaços de aula, partindo da perspectiva do jogo e não da performance de alto rendimento.

7.2 Ainda não trabalhou? Por quê?

Seguindo o estudo, os professores foram indagados sobre seu trabalho docente, especificamente, quais seriam as causas/motivos de ainda não trabalharem com o conteúdo boxe. Os relatos foram:

Quadro IV: Motivos da não inclusão do Boxe.

F1	<i>“Não me sinto confiante em montar aulas de boxe, na minha opinião seria uma aula chata e que poucos alunos participariam. Prefiro trabalhar os esportes com bola, além de serem dinâmicos, os alunos gostam e preferem.”</i>
----	---

F2	<i>“As lutas, como conteúdo da Educação Física fazem parte dos PCN’S, porém não me encontro suficientemente segura para trabalhar com este conteúdo, sem suporte adequado da formação inicial e/ou continuada.”</i>
F3	<i>“Por não saber planejar metodologicamente e não possuir materiais adequados.”</i>
M1	<i>“Não me despertou interesse em trabalhar o conteúdo ainda.”</i>
M2	<i>“Por falta de experiências e conhecimentos com o boxe, além da falta de material adequado. Sei que não é desculpa, parte muito do professor, a culpa de não trabalhar é minha mesma.”</i>

É evidente nas falas dos docentes que um dos principais motivos para a não realização do boxe até então, perpassam por julgarem inaptos na aplicação do conteúdo, seja por sentirem inseguros ou meramente não saber elaborar metodologicamente.

Dessa maneira, compreendemos com So (2014) onde descreve que os professores não sabem o que fazer, que decisão tomar, como mencionado pelo próprio autor, ficam em uma “encruzilhada”, pois:

“[...] por um lado não domina o conhecimento específico das lutas e por outro, diversos estados e municípios têm implementado currículos oficiais de Educação Física que se baseiam nos elementos da cultura de movimento, incluindo a luta [...]” (p. 16).

A maioria dos alunos não tem a experiência ou vivência com novos temas nas aulas de educação física escolar, esses conteúdos segundo Rosário e Darido (2005, p.177) “[...] não são ministrados porque os professores não os dominam, se sentem inseguros, ou se julgam despreparados [...]”. De acordo com Rufino e Darido (2015) existem inúmeras causas para a restrição do ensino das lutas em escolas, entre as quais são destacadas a insegurança do professor, formação deficiente e problemas relacionados com a infraestrutura, fato comprovado nas falas dos professores (F1), (F3), (M2).

Destacando as lutas, e seu distanciamento em âmbito escolar, Matos et. al (2015, p.119) denotam que “[...] a ausência deste conteúdo sugere que a Educação Física escolar vem oferecendo uma formação limitada, já que negligencia um conteúdo de grande relevância social [...]”.

Os professores tem a consciência que as lutas estão presentes dentro dos conteúdos da Educação Física Escolar, além de sua proposta em currículos, bases e diretrizes da educação, salientado na fala da professora (F2). Ainda de acordo com (F2), sua formação inicial é um dos impeditivos da não realização do Boxe. Nesse sentido, Alencar et. al (2015) relatam em seus estudos que são escassos os cursos de licenciatura em educação física que apresentam em sua grade curricular, disciplinas voltadas para o ensino sistemático das lutas em ambiente escolar, fato que, ocasiona o distanciamento dos professores com o tema.

“[...] Apesar das orientações curriculares sugerirem o ensino das Lutas, e as produções científicas apresentarem delimitação deste conteúdo, defendendo a viabilidade de sistematização e operacionalização no sentido de torná-los abrangentes, diversificados e articulados com projetos de formação, isso não garante que este conteúdo seja ensinado/aprendido nas aulas de Educação Física, visto que, com bastante frequência, há um distanciamento entre o que é previsto para se ensinar e o que é efetivamente ensinado nas escolas.[...]”(MATOS, 2015, p. 119)

Ainda nessa perspectiva, Hegele et.al (2018, p.100) apontam que: “[...] alguns desses preconceitos, relacionam-se com o fato de a formação inicial encontrar dificuldades para assegurar aos professores condições efetivas de trabalho com essa temática [...]”.

De acordo com Rufino e Darido (2011), a insegurança do professore perpassam principalmente pela sua formação restrita. O professor opta por ensinar aquilo que tem mais domínio, o que na maioria das vezes, reduzem-se ao ensino dos esportes coletivos, dado sua forte influência na sociedade e currículos dos professores de Educação Física.

Ademais, como visto no discurso da professora (F1), os “esportes com bola”, tentem a assumir um papel hegemônico nas aulas, principalmente os ditos tradicionais. Segundo Rosário e Darido (2005, p.168) “[...] os professores de Educação Física, ainda influenciados, sobretudo pela concepção esportivista, continuam restringindo os conteúdos das aulas aos esportes mais tradicionais, como, por exemplo, basquete, vôlei e futebol [...]”.

Rufino e Darido (2015, p. 510 apud FORQUIN, 1993), explicam que o professor ensina de modo significativo apenas aspectos advindos da cultura que ele conhece, assim:

“[...] o professor ensinará realmente aquilo que for válido e verdadeiro a seus próprios olhos. Ou seja, a insegurança no ato de ensinar as lutas na escola origina-se de maneira bastante enfática na falta de domínio desse conteúdo, resultando em uma forma insuficiente de abordagem das lutas na escola ou ainda na superficialidade de seu tratamento pedagógico[...].”

Esse cenário torna o ensino aprendizagem restrito, tendo em vista que os esportes são uma pequena parcela do conhecimento produzido da área. Ainda em conformidade com Darido (2012) alguns dos fatores que podem explicar o uso hegemônico dos esportes são:

“[...] o primeiro está relacionado ao fato da maioria das escolas terem em seu espaço físico uma quadra poliesportiva com as demarcações destas quatro modalidades acima mencionadas e, também, pelas escolas receberem da administração pública bolas referentes a essas modalidades. O segundo, pela formação acadêmica dos professores, pois historicamente essas modalidades coletivas apresentam uma considerada carga horária nos diversos currículos dos cursos de licenciatura em Educação Física. E o terceiro pode ser explicado pela própria história de vida dos professores que, talvez, tenham um contato maior com esses jogos esportivos coletivos [...]” (p. 67).

Segundo Kunz (1994), essa hegemonia dos esportes impedem o desenvolvimento de objetivos mais amplos da aula, como exemplo: o sentido expressivo, criativo e comunicativo.

Através das experiências relatadas e analisadas, os motivos restritivos ao trato pedagógico do boxe e das lutas em si na Educação Física Escolar, precisam ser relativizados, porém, como relatam Rufino e Darido (2005):

“[...] tanto os fatores restritivos quanto as possibilidades não devem ser encarados de forma polarizada haja vista que uma dificuldade pode ser geradora de novas possibilidades, e vice-versa importância de novos estudos, sobretudo com amostras maiores e advindas de outras regiões, bem como indica a necessidade de transformações que possam de fato valorizar estas práticas como manifestações da cultura corporal que devem ser ensinadas de modo apropriado na escola, ao longo das aulas de Educação Física [...]” (p. 516-517).

Por conseguinte, enrijecendo a elucidação de Rufino e Darido, finalizo concedendo a interlocução de Nascimento e Almeida (2007) sobre a temática das lutas:

“[...] essas novas questões ou problemas não devem ser encarados como empecilhos, e sim como pontos de partida para re-estruturarmos nosso fazer pedagógico cotidiano, pois essa é uma condição normal, “natural”, para quem adota uma postura de constante aprendizado e compreende o movimento eterno do conhecimento, que, por ser reconhecidamente de caráter provisório, está sempre passível de ser re-significado de acordo com as realidades, concepções e momentos históricos específicos [...]” (p. 108).

7.3 Organização do trato pedagógico envolvendo o Boxe

A última pergunta tinha como objetivo debater sobre como os professores planejavam/trabalhariam o boxe em suas aulas. O quadro a seguir exibem os pensamentos dos entrevistados acerca do trato pedagógico do Boxe:

Quadro V: Possibilidade de inserção do Boxe

F1	<i>“Poderia pedir como tarefa para os alunos pesquisarem sobre o boxe, seus golpes, origem, criador e benefícios da luta. Como suporte poderia trazer filmes, vídeos-aulas e levar para conhecer uma academia de ensino, pode ser né? Uma boa.”</i>
F2	<i>“Através de trabalho de pesquisa, vídeos-aulas (teórico) pra que os alunos tenham uma noção de Boxe. Organizaria através de debates (roda de conversa).”</i>
F3	<i>“Primeiramente realizaria uma pesquisa sobre o boxe, para os alunos conhecerem melhor e possibilitar seus interesses. Acho que vídeos-aulas, documentários encaixariam bem no plano de ensino.”</i>
M1	<i>“Procuraria trabalhar com vídeos-aulas, convidaria alguém para fazer uma demonstração, confecção de materiais.”</i>
M2	<i>“O mais importante na minha opinião e trabalhar com referência de jogos de oposição, abordando aspectos técnicos do boxe, sem o uso dos movimentos de golpes formalmente usados em academias especializadas na modalidade, pois assim, as aulas ficariam chatas e poucos alunos iriam participar. Na minha opinião os jogos de oposição seria o ideal e que se assemelha mais com a minha realidade. Vídeos-aulas, rodas de conversas também poderiam ser utilizadas.”</i>

Cabe debater a possibilidade de utilização dos jogos de oposição para o ensino do Boxe. Fato mencionado pelo professor (M2):

“[...] trabalhar com referência de jogos de oposição, abordando aspectos técnicos do boxe[...].”

“[...] os jogos de oposição seria o ideal e que se assemelha mais com a minha realidade[...].”

De acordo com Garganta (1996) a utilização dos jogos como metodologia de ensino estabelece:

“[...] o desenvolvimento de formas originais e alternativas de interrogar esse objeto e a procura de processos instrumentais adequados para sua exploração [...] partindo de um corpo de conhecimentos, procura-se definir e ordenar previamente os parâmetros a observar para em seguida procurar evidenciar características organizativas (estruturais e funcionais) com a finalidade de perceber os factores que estão associados ao rendimento positivo num jogo [...]” (p. 63-64).

Estudiosos do jogo como (HUIZINGA, 1999); (FREIRE, 2005); (LEONARDO ET AL., 2005), (SCAGLIA, 2004), definem suas características, sendo: manifestação de atividade livre posto em um universo simbólico, apresentando regras determinadas com limites temporais e espaciais de forma lúdica da realidade.

Em relação aos Jogos de Oposição, denotaremos de acordo com Santos (2012) como:

“[...] atividade lúdica que envolve confronto entre duplas ou grupos, na qual cada participante tem a intenção de vencer (sem valorizar o contexto de competição para não excluir os “perdedores”), impondo-se ao outro pela tática ou pelo físico, sempre respeitando as regras e convenções relativas à sua segurança e à de seu oponente, sem jamais deixar de lado o componente lúdico e prazeroso[...].” (p. 41)

Posto isso, o jogo como ensino do Boxe e das lutas na escola torna-se, um grande aliado pedagógico. Sua manifestação possibilita a aproximação de uma situação real de luta, tendo em vista, a correlação entre a conjuntura do jogo com os aspectos básicos da modalidade. Situação salientada por Pereira (2018) em:

“[...] ao utilizarmos dos princípios condicionais e dos jogos de oposição, as crianças e jovens poderão vivenciar as lutas segundo as suas várias características, isto é, características relacionadas às lutas de contato contínuo, intermitente, mediado por implemento fixo e mediado por implemento de lançamento. É preciso lembrar que as lutas têm muito em comum, assim, por meio dos jogos de oposição criaremos problemas práticos para construção de conhecimentos tático-técnicos relacionados a esse fenômeno[...].” (p. 76)

Os caminhos mais abordados pelos professores em relação a inclusão do Boxe em seu planejamento, decorrem da utilização de métodos voltados especificamente nas dimensões conceitual e atitudinal. Como:

“[...] trazer filmes, vídeos-aulas [...]” (F1)

“Através de trabalho de pesquisa, vídeos-aulas (teórico)[...]” (F2)

“[...] organizaria através de debates (roda de conversa).” (F2)

“[...] acho que vídeos-aulas, documentários encaixariam bem no plano de ensino.” (F3)

“Procuraria trabalhar com vídeos-aulas [...]” (M1)

Porém, a aplicação apenas nessas dimensões tornaria o ensino do Boxe restrito. Para exemplificar as dimensões de ensino, citamos Coll (2000), de acordo com o autor esta classificação corresponde às seguintes indagações afim de alcançar os objetivos educacionais: “o que se deve saber fazer?” (dimensão procedimental); “o que se deve saber?” (dimensão conceitual); e “como se deve ser?” (dimensão atitudinal).

Em relação as vídeos-aulas, aludida por todos os professores entrevistados como recurso, pode ser explicado de acordo com Darido (2005) graças a difusão das lutas nas sociedades mediante a midiatização, ou seja, suas exposições nos diversos meios de comunicação proporcionaram seus reconhecimentos. Rufino e Darido (2015) explicita que essa midiatização se deve também pelo processo de esportivação, o qual tornou-se as lutas em grandes espetáculos. Alencar et. al (2015) corroboram com as falas dos professores, destacando que o emprego dos vídeos é uma ferramenta pedagógica disponível para a obtenção de informações sobre o tema.

Todavia, para um ensino de qualidade, os conteúdos devem ser tratados nas três dimensões, abordando os diferentes aspectos que compõem as suas significações. Desse modo, dentro de uma perspectiva de ensino aprendizagem do Boxe, seria fundamental considerar procedimentos, fatos, conceitos, atitudes e valores como conteúdos, todos no mesmo nível de importância.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo avaliar as perspectivas dos/as professores de Educação Física da rede pública do Ensino Médio da cidade de Lavras-MG acerca do trabalho pedagógico no ensino do Boxe. O estudo buscou questionar e analisar, as possibilidades e desafios no ensino da modalidade por parte dos docentes, visto que esta temática, como podemos verificar, através dos questionários e da literatura utilizada, é restrita e pouco abordada pelos professores.

As lutas na Educação Física escolar é um assunto enredado, pois os professores, em sua maioria, não o introduzem em suas aulas. Fato verificado por essa pesquisa, tendo em vista que todos os professores entrevistados, não trabalham com o conteúdo.

Os motivos para tanto não são poucos, podendo enfatizar o pensamento equivocado das lutas gerarem violência no âmbito escolar, a falta de materiais e espaços adequados, não serem praticantes da modalidade, ou os professores julgarem não serem capacitados em abordar o conteúdo, visto que, em suas formações iniciais a temática é pouco comum.

Por esses motivos, os principais prejudicados são os estudantes, pois o Boxe e as lutas em si, apresentam grande valor pedagógico, e sua exclusão prejudica a integração dos alunos na cultura corporal de movimento. O Boxe inserido nas aulas, auxilia na formação do cidadão, onde os mesmos, poderão produzi-la, reproduzi-la e transformá-la.

Ao pesquisar a literatura acerca do ensino sistematizado das lutas, podemos verificar a possibilidade de abordagem do conteúdo através da pedagogia do jogo vinculada à realidade escolar dos estudantes. Os jogos de oposição são um dos exemplos que poderão ser desenvolvidos para o ensino aprendizagem do Boxe, não necessitando assim, que os professores devam possuir especialização na modalidade.

Relacionar a violência especificamente com o Boxe e as lutas em si é algo totalmente equivocado, o comportamento violento, reação as certas interações sociais e ao meio é característico da sociedade como um todo, logo, todo conteúdo trabalhado de maneira incoerente e descontextualizado podem gerar atritos. Além disso, muita dessa associação perpassam por alunos e professores não diferenciarem o ato de lutar x brigar, correlacionando os dois de maneira incorreta. Seria interessante que os docentes juntamente com seus alunos, problematizar essa diferenciação, podendo questionar por exemplo, se a veiculação da mídia pode influenciar ou não

essa distinção ou até mesmo, exemplos de situações/acontecimentos na escola, sociedade e cotidiano dos alunos.

As alegações sobre materiais e espaços adequados, podem ser relativizados e improvisados, haja vista que não é papel da Educação Física Escolar a formação de lutadores e competidores, não necessitando assim uso de equipamentos e espaços específicos do Boxe. Cabe ao professor (res)significar os aspectos técnico-tático, conceitos, valores e influências da modalidade na sociedade atual. Juntamente com a turma, o professor poderá construir os equipamentos com materiais reciclados, tendo em vista que todos os entrevistados citaram como suporte para o ensino o uso de vídeos-aulas, existem atualmente livros e sites na internet onde o a construção desses equipamentos está detalhada passo a passo, conseqüentemente facilitando e proporcionando possibilidades de ensino do Boxe. O espaço vai de encontro com a arquitetura, alunos e possibilidades da escola, podendo exercer as atividades em locais como: quadras, pátios, salas, anfiteatros e até mesmo em ambiente fora da escola.

Os argumentos e as alternativas supracitados não são universais, basta ver, que não existe uma única escola. São professores e alunos com bibliografias diferentes que merecem ser respeitados, e para tal, requerem pensamentos e abordagens distintas. Porém, esse estudo ampara uma reflexão sobre o tema, assim como contribuir com os docentes inseridos nas escolas que sentem dificuldades em abordar o assunto, sejam estas dificuldades em sua dimensão conceitual, procedimental ou atitudinal, pois, para além de inserir o Boxe efetivamente enquanto conteúdo, devemos superar uma perspectiva reducionista desse conteúdo.

Ademais, os principais desafios/motivos para a não utilização do Boxe no âmbito escolar, podem e devem ser relativizados. Pelo exposto e analisado neste trabalho o Boxe é discernido devido a uma série de fatores o qual os professores carregam consigo quando o assunto são as lutas. Esse estudo é apenas uma pequena parcela de contribuição para reforçar que as lutas e o Boxe podem ser ensinados nas escolas, essas temáticas são presentes no contexto escolar de tal modo que os conhecimentos construídos possibilitem uma análise crítica dos valores sociais que acabam por se transformar em instrumentos de exclusão. Logo, é de suma importância, a continuidade de pesquisas nessa área.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, YO; SILVA, LH; LAVOURA, TN; DRIGO, AJ. **As lutas no ambiente escolar: uma proposta pedagógica.** R. bras. Ci. e Mov 2015;23(3):53-63.

ANDRADE NETO, João Batista de. **O ensino de lutas nas escolas de Ensino Fundamental no estado do Piauí.** Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, Teresinha, v. 4, n. 2, p.85-96, 2016. Semestral.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BETTI, M. **Educação física, esporte e cidadania.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, p. 84-91, 1999.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física.** Caderno Cedes, ano XIX, n. 48. p. 69-89, ago. 1999.

BREDA, M. et al. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas.** São Paulo: Phorte, 2010

CARATTI, Jônatas Marques. **“Calçando as luvas”: primeiros comentários sobre a formação do boxe gaúcho (Porto Alegre, 1920).** Revista Latino-Americana de História-UNISINOS, v. 1, n. 3, p. 508-524, 2012.

CARREIRO, E. Lutas. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 244-261.

CHAER, Galdino. Et.al. **A técnica do questionário na pesquisa educacional.** Revista Evidência, v. 7, n. 7, 2012.

COLL, C. et al. **Os conteúdos na reforma.** Porto Alegre: Artmed, 2000

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. **Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate.** Motriz, Rio Claro, v. 16, p. 1-9, 2010.

DARIDO, S. C; SOUZA JÚNIOR, O. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola.** Campinas: Papyrus, 2007.

DARIDO, Suraya Cristina. **Diferentes concepções sobre o papel da educação física na escola.** In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 34-50, v. 16.

DARIDO, Suraya Cristina. **Os conteúdos da Educação Física na escola. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 64-78, 2005.

DAOLIO, J. **A cultura da educação física escolar.** Revista Virtual EF, 2004

DEL'VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. **Lutas, artes marciais e esportes de combate: possibilidades, experiências e abordagens no currículo de educação física.** Rio Claro: Biblioética, 2006, v. 1, p. 99-108

FRANCHINI, E.; TAKITO, M.Y.; RODRIGUES, F.B.; MANOEL, E.J. **Considerações sobre a inclusão de atividades motoras típicas de artes marciais em um programa de Educação Física.** 1996.

GARGANTA, Júlio. Modelação da dimensão tática do jogo de futebol. **Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos**, p. 63-82, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOMES, Mariana Simões Pimentel. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades.** 2008. 139 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274808>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

HEGELE, Bernhardt; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BORGES, Robson Machado. **Possibilidades do ensino das lutas na escola: uma pesquisa-ação com professores de educação física.** Caderno de Educação Física e Esporte, v. 16, n. 1, p. 99-107, 2018.

MOREIRA, L; MOROUN, K. **Práticas educativas desenvolvidas pelo discente de Educação Física: O conteúdo lutas nas escolas.** R. Est. Pesq. Educ., Juiz de Fora, v. 16, n. 2, jul./dez. 2014

NASCIMENTO, P. R. B.; ALMEIDA L. **A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades.** Movimento, Porto Alegre, 2007.

OLIVIER, Jean-Claude. **Das brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 93 p.

PEREIRA, A. S. **Livro-experiência para o ensino-aprendizagem das lutas na Educação Física do Ensino Fundamental e Ensino Médio.** 2018. 291 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2018.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. **O ensino das lutas nas aulas de Educação Física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas.** Journal of Physical Education, v. 26, n. 4, p. 505-518, 2015.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **Possíveis diálogos entre a educação física escolar e o conteúdo de lutas na perspectiva da cultura corporal.** Conexões, Campinas. 2013.

RUFINO, L. G. B. **A Pedagogia das lutas: caminhos e possibilidades.** Paco Editorial, 2012.

RUFINO, L. G. B., DARIDO, S. C. **Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 26(2), 283-300. 2012.

SO, Marcos Roberto. **Das relações com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física: as perspectivas dos alunos.** 2014.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Cortez, 1992

SOUZA JUNIOR, T. P. e DOS SANTOS, S. L. C. **Jogos de Oposição: nova metodologia de ensino dos esportes de combate.** Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, v.14, n.141. 2010

STIGGER, M. P. **Educação Física, esporte e diversidade.** Campinas: Autores Associados, 2005.

TRUSZ, Rodrigo Augusto; NUNES, Alexandre Velly. **A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS.** Movimento, Porto Alegre,. Vol. 13, n. 1 (jan./abr. 2007), p. 179-204., 2007.

VIEIRA, Silveira e FREITAS, Armando. **O que é Boxe?.** Casa da Palavra: Rio de Janeiro, 2007.